

Comentária

A PROPÓSITO DAS "PÁGINAS DE POLÍTICA" (2.ª SÉRIE) DE RAÚL PROENÇA

Este volume dos escritos de Raúl Proença que a «Seara Nova» ultimamente pôs à venda mereceria, sem dúvida, um estudo pormenorizado e não apenas a breve referência que vai seguir-se. A acção de Raúl Proença como orientador doutrinário da «Seara Nova» durante um período decisivo da vida nacional, o seu grande talento de polemista e ainda a sua figura moral justificariam um estudo longo sobre o livro.

Isso é-nos presentemente impossível. Não queremos, todavia, deixar de exprimir aqui algumas reflexões que a sua leitura nos sugeriu. Desde já advertimos que não vamos apreciar o livro em globo, mas apenas fazer um ligeiro comentário sobre aquilo que nos parece mais importante.

A admiração que temos pela figura moral e pelo talento de Raúl Proença não exclui de modo algum a nossa discordância da sua doutrina.

Raúl Proença foi o principal orientador doutrinário da «Seara Nova» durante o período mais importante da vida da revista; redigiu a maior parte dos artigos em que se marcavam as suas posições; dirigiu as principais campanhas que ela levou a cabo. Durante o referido período, Raúl Proença, como polemista e doutrinador e a «Seara Nova» quasi se identificaram. Por isso nos referimos simultaneamente a êle e à revista.

Raúl Proença e os que o acompanhavam na «Seara» não quiseram constituir um partido político, mas consideraram-se desde sempre «um grupo de acção política». Todos os grupos políticos têm, evidentemente, uma doutrina mais ou menos nitidamente formulada e métodos de acção.

A «Seara Nova» tinha também uma doutrina e métodos de acção, métodos que no seu caso estavam de harmonia com a sua doutrina. Não há que censurar a «Seara» nem Raúl Proença por contradições entre a doutrina e a acção. Foram coerentes. Os nossos juízos sobre os efeitos da acção que desenvolveram valerão até como base de crítica à sua doutrina, em geral, e em especial, no que se refere à acção sobre o mundo real. A «Seara» e Raúl Proença, como seu principal orientador durante o período a que nos referimos, pretenderam realizar uma transformação na vida nacional.

Quais os processos?

Lê-se na apresentação da revista (1921) da pena de Raúl Proença: «A «Seara Nova» representa o esforço de alguns intelectuais, alheados dos partidos políticos, mas não da vida política, para que se erga, acima do circo onde se debatem os interesses das clientelas e das oligarquias plutocráticas, uma atmosfera mais pura, em que se faça ouvir o protesto das mais altivas consciências e em que se formulem e imponham, por uma propaganda larga e profunda, as reformas necessárias à vida nacional». Mais adiante, referindo-se à «élite» intelectual (a quem atribui pesadas responsabilidades nos defeitos de que acusava o regime), diz: «As monstruosidades e traficâncias evitá-las-ia o seu protesto organizado».

O processo é, portanto, a «propaganda larga e profunda», que levaria ao esclarecimento das «élites», principalmente de intelectuais. Uma vez esclarecidas, essas «élites» levariam, por meio do «protesto organizado», à abolição das monstruosidades e das traficâncias e imporiam as reformas necessárias à vida nacional.

Assim, o grupo «Seara Nova» pretendia «não o poder, mas preparar as condições de todo o verdadeiro poder», isto é: esclarecer as «élites».

Dirigindo-se aos intelectuais, disse Raúl Proença: «O que vós outros, artistas e intelectuais, tendes a fazer é educar-vos e transformar-vos, para educardes e transformardes o país». Exigia, antes de mais «uma espécie de conversão religiosa dos espíritos».

Entendia o Grupo que «em Portugal, como em todos os países em decadência, é a educação o problema fundamental».

Tudo isto nos mostra a estreita conexão entre o idealismo de Raúl Proença e da «Seara» e o seu programa de acção sobre o mundo real. Tudo aqui é *idealismo*. Raúl Proença e a «Seara» sempre desprezaram realismo e materialismo (de que tinham uma ideia grosseira). Eram por um *realismo*

idealista «e não por um realismo estreito e materialista, um realismo inferior, que só vê na melhoria das condições materiais a nossa verdadeira salvação, e despreza o Espírito e tudo quanto depende do Espírito como uma excrecência de luxo ou um pur epifenômeno» (para êles qualquer materialista era a-final, um materialista no sentido baixo da palavra e conferir mais importância do que êles ao factor económico era fazer a apologia do «comer, beber e dormir»). (1) Tudo isto nos mostra ainda que o movimento *seareiro* foi unicamente um movimento dirigido por intelectuais e para intelectuais (realmente, êle não conseguiu atingir as grandes camadas da população).

Acusando os partidários de métodos realistas de não conferirem importância às ideias (chamando-lhes *maus sociólogos*), de quererem transformar o mundo à força de decretos (sem a tal preparação prévia dos espíritos, que tanto apregoavam), Raúl Proença e a «Seara Nova» caíram nos defeitos precisamente contrários aquêles que apontavam: conferiram exagerada importância às ideias, à doutrinação (não negaremos eficácia às ideias, entendemos simplesmente que essa eficácia depende de certas condições), pretendendo transformar pelo conselho, pela censura. Pois pensariam Raúl Proença e a «Seara» que, com essa propaganda conseguiriam desviar os políticos corruptos, as «clientelas», as «oligarquias plutocráticas» e os «caciques» dos seus propósitos, a ponto de se «desgostarem de si próprios» e *darem a mão à palmatória*, e impor, além disso, as reformas?

Conseguiria o protesto organizado das «élites» essa espécie de conversão religiosa dos espíritos da parte dos homens que tinham nas mãos o destino do país?

Raúl Proença e a «Seara» tudo reduziram a questões de ideias e daí o julgarem que conseguiriam formar uma «élite» esclarecida, salvar-se-ia a Nação, acabar-se-ia com as traficâncias e impor-se-iam as reformas necessárias. Não olharam porém às realidades mais profundas, não viram ou não quiseram vêr que os males que apontavam não eram mais do que consequência de um mal que vinha do coração do próprio sistema social. Não perguntaram sequer a si próprios se o país estaria em condições de tirar proveito da propaganda que se propunham realizar.

Guiados por uma interpretação da história que nada tinha de positivo, foram completamente incapazes de nos indicar um caminho seguro para a resolução dos problemas. Agiram como *moralistas*, verberando a governação e os nossos costumes políticos, e como *idealistas* criticando as doutrinas e ideias pela lógica (e isso, deve dizer-se, fizeram-no com brilho e inteligência). Agiram como moralistas e como idealistas, mas nunca tiveram perante as questões sociais uma atitude verdadeiramente científica, positiva, explicando-as. E, quanto a nós, é necessário explicar aquilo mesmo que se quer combater porque só explicando o mal, poderemos, servindo-nos das regras que dêsse conhecimento extraímos, combatê-lo eficazmente. Uma prática que consideramos pernicioso não se combate com sermões, mas antes de mais, destruindo as suas condições de existência.

A «Seara» e sobretudo Raúl Proença verberaram mul-

(1) Ao contrário do que poderá parecer o nosso comentário não é exagerado. Os homens da «Seara» tinham realmente uma ideia grosseira de materialismo. Destacamos um exemplo: «E aí dos homens práticos que não vêem que o mais prático é começar pelo princípio, resolver a questão prévia sem a qual nenhuma outra tem solução segura e definitiva—molhar em novas formas a mentalidade dos dirigidos e dos dirigentes. É numa terapêutica do Espírito que reside a cura radical dos nossos males —dos próprios males económicos, senhores economistas; e por isso, a política do Espírito tem de sobrelevar à política do Ventre—tão certo é que os problemas do Ventre não serão resolvidos pelo Ventre mas pelo Espírito».